

ENALTECIMENTO E CONTROLE DO CORPO: UMA ANÁLISE DE “O DISFARCE E A EUFORIA”, DE RUBEM FONSECA

Franciele Alves Pereira

fran_apereira10@hotmail.com

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4314002T0>

RESUMO

O amor pelo bem-estar produziu suas servidões, entre elas o culto ao corpo – um dos principais pontos que caracteriza a sociedade contemporânea (Berger, 2007). Esta técnica teve entrada avassaladora na vida privada das pessoas e solidificou-se como verdade nos discursos proferidos, sobretudo pela eleição da figura idealizada do corpo perfeito. Analisamos, neste trabalho, o conto “O disfarce e a euforia”, de Rubem Fonseca e como a narrativa constrói essas técnicas de controle sobre o corpo.

Palavras-chave: corpo; controle; velhice

Introdução

A partir do século XX, e, massivamente nas últimas décadas, a estética do corpo passou a ser objeto dos discursos sociais. De acordo com Frugoli (2004), trata-se de uma tendência racionalizadora do corpo. A saúde, que antes era o bem maior a se conservar, tende a se transformar em objeto de uma atividade febril; e a aparência um esforço narcísico por conta de uma atenção obsessiva aos cuidados com a parte exterior do corpo. Todo esse cuidado e atenção acabam por se tornar ritos quase religiosos com o intuito de transformação corporal.

É a partir desse padrão corporal que se dá a construção subjetiva da identidade do sujeito, que, ao mesmo tempo em que o individualiza, também o padroniza segundo os critérios estabelecidos. Isso não quer dizer que o corpo não seja o local de identificação do sujeito, mas ao passo que os critérios de beleza e bem-estar se padronizam, os corpos passam a seguir estritamente um modelo. Neste trabalho desenvolvemos uma análise acerca do conto “O disfarce e a euforia”, de Rubem Fonseca, justamente pelo fato de o texto dialogar com as técnicas de controle do corpo, quando a personagem incomodada com sua aparência acaba sendo caricaturizada nas entrelinhas da narrativa.

O conto pertence à *Axilas e outras histórias indecorosas*, uma das obras mais recentes do autor, que conta com traduções em Portugal e no México. Aqui no Brasil, ela foi publicada pela Nova Fronteira, em 2011.

O enaltecimento do corpo social e seus reversos

Vivido como um acessório imperfeito, rascunho a ser corrigido, o corpo torna-se um item descartável. Na verdade, o século XXI consolidou a era do descartável. O imediatismo marca tudo o que compõe a rotina do ser humano e é perceptível em todos os âmbitos sociais, desde as facilidades e comodidades que a era da informação proporcionou ao indivíduo o acesso a qualquer informação a um toque digital, quanto os relacionamentos passageiros e efêmeros.

Essa necessidade de cuidado com o corpo para alcançar o bem-estar foi pontuada por Tocqueville (apud COURTINE, 2005, p. 103) ao observar a tendência da classe média dos Estados Unidos da primeira metade do século XIX. O historiador previu que “o gosto pelo bem-estar, essa paixão da classe média, própria da América democrática, ‘tenaz, exclusiva, universal mas contida’ iria, como uma ‘grande corrente de paixões humanas’, ‘arrastar tudo em seu curso’.”

A mídia é responsável, em grande parte, pela disseminação desses discursos da “beleza”. São ressaltados padrões, nos quais uma das exigências é ser magro; o apelo é tão fortemente sentido que ser magro ou esbelto torna-se sinônimo de felicidade. “Ao tomarem como referência o discurso científico dos especialistas (médicos, psicólogos, nutricionistas, esteticistas, professores de educação física, entre outros), [os veículos midiáticos] prometem perfeição estética”. (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 33).

Para alcançar esses padrões estéticos, as pessoas devem preocupar-se, sobretudo, com os exercícios físicos, os regimes alimentares, os tratamentos dermatológicos com toda a miríade de cosméticos disponíveis. Com isso, saem ganhando, entre outros, os mercados dos cosméticos, das cirurgias estéticas e da malhação.

Na lógica da verdade da beleza construída nesses discursos de enaltecimento do físico, o corpo considerado gordo, com rugas, marcas, manchas está diretamente

relacionado à displicência, ao desmazelo. “Hoje a gordura ou as forma opulentas são vistas como desleixo, como falta do investimento pessoal em si mesma, quase como um defeito que atesta uma falha no caráter, uma preguiça – hoje condenável pela utopia do corpo perfeito e da malhação.” (BERGER, 2007, p. 123).

Na sociedade atual, enquanto o gordo é visto como um modelo estético negativo, que denota até pobreza, o magro é visto como um símbolo de pessoa saudável, valorizada e desejada, transforma-se num signo de felicidade; por isso o medo, a aversão de engordar. Na nossa cultura que valoriza a magreza, a gordura é um símbolo de falência moral. O corpo, “feito”, “produzido” em cultura e em sociedade, está definido de acordo com as regras do mundo social onde está inserido. Nossa pesquisa mostra como a imagem do corpo malhado na academia está vinculada à ideia de bem estar, saúde e até mesmo de felicidade. (NEVES et al., 2008, p. 67).

Como o corpo tornou-se uma imagem para exibição, tal como em uma vitrine, o que vai ser exibido tem de estar, necessariamente, adequado às exigências do corpo social, que passa a ser, no ideário subjetivo, visto como um produto. Portanto, a relação do sujeito com a sociedade adquire uma característica de negócio, onde o corpo é o objeto que está sendo valorado.

Em seu livro “Pureza e Perigo”, a antropóloga Mary Douglas (1976) revela como o discurso está organizado aos moldes de um sistema. Nesse campo dois conceitos surgem: a pureza e o sacrifício. Trata-se, segundo ela, de um vasto número de rituais, dos quais tomam parte valores inestimáveis à sociedade contemporânea: a dor, o tempo e o dinheiro. Nesta direção, o corpo transcende a sua própria materialidade, tornando-se um ícone. Uma criação para o consumo visual.

Ainda para Douglas, a não adequação ao sistema é uma impureza, uma poluição, dejetos que precisa ser eliminado. Essa tentativa de eliminação, nessa perspectiva, não deve ser considerada negativa, mas positiva, visto que visa à organização e manutenção do sistema. As impurezas, portanto, não existem por si mesmas, pois são decorrentes do sistema, são subprodutos dessa organização. “Concebemos a impureza como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados”. (DOUGLAS, 1976, p. 30).

Em suma, isto quer dizer que o poder no universo vai a reboque da sociedade, pois muitas são as vezes em que se atribui o revés da sorte àqueles que ocupam um dado lugar na hierarquia social. Mas também é preciso levar em conta outros perigos que os indivíduos emanam consciente ou inconscientemente. Que não fazem parte da sua psique e que não são impostos nem ensinados por iniciação nem por nenhuma outra forma de aprendizagem. Trata-se dos poderes de poluição inerentes à própria estrutura das ideias e que sancionam toda a desobediência simbólica à regra segundo a qual estas coisas devem estar reunidas e aquelas separadas. A poluição é, pois, um tipo de perigo que se manifesta com mais probabilidade onde a estrutura, cósmica ou social, estiver claramente definida. (DOUGLAS, 1976, p. 135).

Portanto, o conceito de pureza pode ser formulado como equivalente da ordem. Nesse sentido, o oposto do puro (isto é, o impuro, o sujo, a poluição, enfim, o abjeto) equivale àqueles elementos que desafiam certa ordem. Assim, tornar-se puro é o equivalente à expurgação dos elementos que perturbam a ordem: as impurezas, já que a impureza está associada à desordem. Contudo, a autora ainda chama a atenção para a relatividade da sujeira. “As coisas são puras ou impuras conforme as definições de quem as observa; isto é, de acordo com uma certa cosmologia. A busca da pureza, portanto, implica a criação de uma ordem, a adaptação do mundo a uma ideia.” (SIBILA, 2004, p. 79). Em seu artigo intitulado “O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo”, Paula Sibila retoma a ideia de pureza e sacrifício de Mary Douglas para afirmar que purificar não é uma atividade negativa, de eliminação da sujeira, mas uma atividade positiva, pois caracteriza a busca de um ideal. E cada modelo de pureza tem seu próprio modelo da sujeira que precisa ser eliminada. É claro que o peso moral que a ideia de pureza carrega está associado às inevitáveis conotações de bom e belo.

Mas esse processo constituinte do corpo eficaz, saudável, belo, jovem, é, portanto, igualmente revelador do seu reverso ao redefinir e abominar a ociosidade, a doença, a feiura e a velhice. Os dilemas implicados nessas representações e práticas do corpo, em termos políticos e estéticos é um dos temas da narrativa de Rubem Fonseca, sobretudo pelo seu inverso: o indecoroso, o incontrolável e o abjeto.

Sobre o tempo e a vida dos corpos: velhice e morte

A negação do corpo ante o processo natural do envelhecimento tornou-se um dos limites do discurso avassalador dos ideais de beleza. O corpo, sobretudo o feminino, é alvo do discurso médico e midiático, de tal forma que se reduz a um objeto. Os padrões de beleza eleitos são os da juventude, da força, da virilidade, transformando o corpo em uma imagem do sucesso. Selecionamos um conto de Rubem Fonseca para análise de como se manifesta esse mecanismo de controle do corpo dentro dos moldes do padrão de beleza como sinônimo de juventude e negação dos sinais e sintomas da velhice.

O conto “O disfarce a euforia” pertence à obra *Axilas e outras histórias indecorosas* e aborda a temática do envelhecimento do corpo. É a única narrativa em terceira pessoa deste livro. Essa escolha confere ao conto uma característica de impessoalidade, o que provoca mais dramaticidade à narração. O conto pode ser dividido em duas partes (como se deduz de seu título), o disfarce – a busca pela significação na ocultação do envelhecimento do corpo; e a segunda parte, a euforia, o prazer que se funda na ilusão de viver sob uma máscara. As duas partes do conto tratam dos dilemas sofridos pelo personagem diante da realidade fria da morte. Na busca pela significação da vida que se esvai com o tempo sem que nada possa ser feito, o desespero e o sofrimento são fatores primordiais que o levam a uma busca desesperada em manter-se vivo.

Em três páginas o narrador observa de longe, e de maneira fria conta o drama de um homem procurando de todas as formas possíveis vencer o processo natural do envelhecimento. Nesta ânsia pela juventude, Z, o personagem, se submete a todos os tipos de tratamentos existentes, desde limpezas de pele, exercícios e massagens, até intervenções cirúrgicas estéticas. Fica claro que sua intenção vai além de sentir-se bem consigo mesmo ou melhorar a autoestima, pois o personagem deseja se autoafirmar perante os outros. É uma busca pela imagem padrão que é imposta aos indivíduos, uma tentativa de moldar-se, adequar-se para ser aceito, para fazer parte de um conjunto valorizado na sociedade. Isso fica evidente, quando, no início do conto, o narrador informa:

Ele escondia todos os disfarces. As operações plásticas no rosto e no corpo, as limpezas diárias de pele, as massagens, os exercícios numa

academia, também diariamente, os implantes de cabelo e de dentes, tudo isso era realizado de maneira sub reptícia, oculta.” (FONSECA, 2011, p. 115).

Por que esconder a artificialidade impregnada no corpo? É interessante que, mesmo aderindo aos tratamentos “artificiais” de rejuvenescimento, preservação ou transformação do corpo a fim de satisfazer as expectativas sociais, busque-se de alguma forma “fingir” que o corpo que é ali exibido é totalmente natural. Esse é o anseio do personagem Z: a criação de uma imagem do corpo, através de sua transformação, que atenda às exigências impostas pela sociedade e ao mesmo tempo camuflem essa artificialidade, criando uma espécie de ilusão, na qual é possível envelhecer sem que o corpo paulatinamente demonstre os sinais próprios da velhice. Como se o corpo fosse mesmo uma máquina, cujas peças podem ser trocadas ou retificadas, mantendo-o sempre em “forma”. Essa arte de eliminar as deformidades “leves” está conhecendo uma expansão inédita. A cirurgia plástica não mais serve somente para corrigir as imperfeições corporais. Conforme Blum (apud Courtine, 2011), existem até alguns grupos que defendem a intervenção cirúrgica para tornar-se um rito de passagem das jovens à idade adulta, quer seja necessária ou não. “Essas modalidades pós-modernas de preocupação consigo, promovidas pelas lógicas da indústria da renovação corporal, tendem a universalizar-se” (COURTINE, 2011, p. 339). Com isso, há o surgimento de imperfeições e deformidades que devem ser corrigidas, o que tem desenvolvido recentemente todo um conjunto de sofrimentos, de sintomas e de patologias da imagem do corpo.

Entrando na fase da euforia, após inúmeros tratamentos estéticos e infindas sessões de exercícios físicos na academia, o personagem é informado de que o uso de cocaína leva a uma sensação de satisfação e bem-estar, causando mesmo uma intensa experiência de euforia. Z sente assim a necessidade do uso da substância, a fim de atingir seu objetivo de manter-se confiante, sempre jovem, ativo. A droga seria capaz de satisfazer aquele desejo, acabar com a sua busca frenética e dar-lhe paz.

Começou a usar cocaína diariamente. Agora ele injetava na veia. Passou a ter uma estranha e agradável alucinação: ao se olhar no espelho, Z via a sua imagem cada vez mais jovem. E quanto mais aumentava a dose, mais a imagem ficava rejuvenescida. Ele não precisava mais pintar os cabelos,

submeter-se àquelas desagradáveis cirurgias plásticas, fazer massagens diariamente, nem frequentar academias cheias de gente desagradável. Ele descobriu a fórmula mágica para obter o segredo da juventude eterna. (FONSECA, 2011, p. 116-117).

O uso daquela substância o leva a outro nível de satisfação, até agora não experimentada, pois passa a sentir uma confiança em si mesmo, inconfundível. Sua imagem rejuvenescia cada vez mais, estava mais bonito a cada dia.

É impossível deixar de fazer aqui uma relação com Dorian Gray, o personagem consagrado de Oscar Wilde. Na obra prima do autor, *O retrato de Dorian Gray*, o protagonista também sofre com as mudanças estéticas perceptíveis com a passagem do tempo. O jovem e belo aristocrata inglês, que teve seu retrato pintado por um amigo artista, ao olhar a perfeição da figura ali retratada, se dá conta, pela primeira vez, da sua extraordinária beleza. Ao mesmo tempo, percebe, também, que como o tempo é implacável para todo indivíduo, também o seria com ele, e que, em alguns anos, o que era belo se tornaria decrépito. Mas, a pintura immortalizou aquele momento e o que ele sentia com todo seu ardor poder trocar para que seu corpo não envelhecesse. Ele estabeleceu, então, uma estranha relação com seu retrato e num pacto que remete ao *Fausto*, de Goethe, trocou sua alma pela beleza eterna.

A crítica de Fonseca, nessa narrativa, é direcionada a um mundo em que os valores são reduzidos a uma única dimensão: a busca pela beleza e pela juventude, os quais atuam como um dos maiores propulsores para a manutenção da vida. O uso da cocaína pelo personagem demonstra a alienação da realidade em que ele vive. Seu maior temor é a velhice e a feiúra, e por isso evade-se do mundo real recorrendo a uma imagem fantasiosa que cria de si para não enxergar sua verdadeira face. Ele busca o bem-estar em artifícios exteriores, na aparência, na beleza e finalmente no uso das drogas, sem conseguir reconhecer que o verdadeiro bem-estar pessoal que ele tanto procurava em sua aparência é uma condição subjetiva, interiorizada que não pode ser comprada. O que Z compra é uma falsa ilusão de felicidade. No final do conto a verdadeira face do personagem é revelada, um rosto que ele era incapaz de ver, mascarado pela droga e iludido pelo seu mundo de fantasias.

A personagem Z se perdeu em um universo no qual já não conseguia distinguir a realidade da ilusão. Viveu sob máscaras que escondiam sua verdadeira face negando a realidade. Assim como o retrato criado por Basil, que pretendia eternizar a beleza espantosa do jovem Dorian Gray acaba absorvendo as marcas da idade de Dorian. Wilde retrata a troca de uma alma boa e ingênua pela beleza e a ambição, enquanto Fonseca retrata a troca da beleza e da juventude pela destruição da saúde.

O nome pelo qual se trata o personagem, Z, é sugestivo, de caráter simbólico, pois, como última letra do alfabeto, pode tanto significar a etapa final da vida do personagem, quanto o apogeu a que chega a busca pelo belo. Z está no último estágio de sua vida, tendo já, portanto, passado pela experiência da infância, adolescência, juventude e maturidade. Não devia ter ele vivido cada etapa de sua vida, de modo a estar pronto para o momento no qual agora se encontrava? Contudo, não é esse o discurso intensamente, e duramente, proclamado pela mídia. Nos filmes e novelas, nos telejornais, enfim, nos meios de comunicação de massa, os atores e atrizes, os apresentadores e apresentadoras são todos belos; os jovens intensificam esse discurso através da exibição de seus próprios corpos, e não apenas os jovens, mas também os mais velhos, os quais cada vez mais parecem não corresponder com a idade que tem. O Z, como integrante do alfabeto, tem igual importância que as demais letras, e tem a forma própria, naturalmente, não se devendo fazê-lo parecer com A ou G. Eis o dilema do personagem do conto.

A obsessão do personagem não pode ser vista simplesmente como um problema interior seu. A análise é feita contextualmente e deve considerar a pressão que ele deve ter sofrido a sua vida toda tanto no que diz respeito às exigências sociais quanto aos padrões de beleza estabelecidos. Seu comportamento é o produto desse discurso, segundo o qual, é aceito no convívio dos grupos sociais aquele que se submete a essas regras e atinge esses ideais.

A imagem distorcida e ilusória que a droga causa no personagem é o grande foco do conto. Com ela Z engana-se diante do espelho com a sensação de que está cada vez mais jovem e bonito. Novamente nesse conto temos a preocupação com a juventude e com a manutenção da beleza, que levam a personagem a entrar num abismo cada vez mais profundo no abuso de cirurgias plásticas e de substâncias tóxicas. Um mundo de

desencanto em que a busca da beleza declara a própria falência do personagem que, inconformado, nega a passagem do tempo e não aceita as transformações físicas naturais da idade: “a infância é a idade das interrogações, a juventude, das afirmações, a velhice, é a idade das negações.” (p. 115).

Dessa maneira, o conto possibilita uma leitura que corresponde a certa confusão entre a realidade e um mundo idealizado, imaginário, criado pelo personagem. Essa confusão se estabelece à medida que ele vai perdendo a capacidade de distinguir entre esses “dois mundos”. Assim, no início, ele tinha noção de sua própria condição frente às exigências estéticas da sociedade, tanto que procurava incansavelmente adequar-se a elas com os tratamentos mais diversos. Porém, a partir de determinado momento, ele perde essa capacidade de distinguir a imagem ideal da imagem real, achando mesmo que tinha se tornado jovem. O uso da droga, que o aliena da realidade pode também ser entendido como um símbolo do torpor a que se submetem as pessoas na jornada pela busca incansável da juventude e da beleza.

Na sociedade capitalista, os micropoderes de que fala Foucault (2010) funcionam com a finalidade lucrativa. É a indústria cultural, que estigmatiza alguns comportamentos em detrimento de outros, estabelece padrões e atitudes comportamentais dos indivíduos.

A verdade é que a beleza constitui um imperativo tão absoluto pelo simples fato de ser uma forma de capital. Tornando-se um imperativo absoluto e religioso. Ser belo deixou de ser efeito da natureza e suplemento das qualidades morais. Administra-se e regula-se o corpo como patrimônio, manipula-se como um dos múltiplos significantes de estatuto social. O corpo limita-se a ser o mais belo dos objetos que possuem, manipulam e consomem psiquicamente. O corpo torna-se assim função de objetivos capitalistas. O corpo não se reapropria segundo as finalidades autônomas do sujeito, mas de acordo com o princípio normativo do prazer e rentabilidade. Segundo a coação e instrumentalidades diretamente indexada pelo código e pelas normas da sociedade de produção de consumo dirigido. (BAUDRILLARD, 1995, p. 149-151).

Ao massificar comportamentos, a sociedade produz indivíduos desprovidos de identidade. Esse processo se verifica pelo simples fato de que, ao amoldar-se às exigências quanto ao próprio corpo, o indivíduo vê violada a sua subjetividade. No conto “O disfarce e a euforia”, Rubem Fonseca aborda diretamente essa perda da identidade,

quando o narrador descreve a fala de um dos médicos, ao atender Z, no desfecho da história: “um deles dizia que não sabia qual a sua identidade” (FONSECA, 2011, p. 117).

Um paradoxo do corpo, bastante presente no conto, é o binômio juventude *versus* velhice. O corpo, cultuado e enaltecido na adolescência e na juventude, torna-se depois um fardo na velhice, uma demonstração evidente de que o tempo passou, de que a vida não é para sempre. As tentativas de mascarar esse processo, todavia, não o eliminam. De um lado encontramos a superficialidade do corpo, artificialmente transformado com a impressão de juventude, ou atraso do relógio biológico; por outro lado, seus órgãos vitais são condizentes com o de um corpo velho. Esse é o disfarce pode ser mantido por um determinado tempo, mas sua natureza ilusória não muda, é apenas isto: uma maneira de viver o que não se é.

Considerações finais

O que se pode notar é que a própria indústria cultural que veicula e padroniza imperativos estéticos é a mesma que, antagonicamente, produz a aniquilação desses mesmos valores. A verdade é que a beleza constitui um imperativo tão absoluto pelo simples fato de ser uma forma de capital. Ser belo deixou de ser um dado da natureza junto às qualidades morais. Administra-se e regula-se o corpo como patrimônio que passou a ser o mais belo dos objetos de domínio próprio, mas que é modelado de acordo com o princípio normativo do prazer e da rentabilidade (Baudrillard, 1995). A ditadura da moda, difundida na cultura das massas, faz-se conhecer, na atualidade, um grande número de doenças relacionadas à distorção da imagem, tais como a bulimia e a anorexia. A busca da perfeição se pauta em dois eixos norteadores das atividades corporais. O primeiro valoriza o “natural”, o saudável e a qualidade de vida do corpo funcional. A representatividade da beleza, para um segundo grupo, valoriza o corpo modelado com grande esforço na academia, submetido a cirurgias agressivas, sacrifícios alimentares, práticas que exigem um esforço por meio de privações que vão além da busca de uma vida saudável.

O conto analisado permite uma leitura que submerge na dinâmica instaurada nos corpos moldados, remodelados e reconstruídos. No contexto recente, povoado pela

cibernética, pela robótica, pela biologia molecular, pela medicina, num mundo composto por próteses que compõe o indivíduo, não seria surpresa que o campo estético e ficcional também incorporasse essa dinâmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BERGER, Mirela. **Mídia e Espetáculo no Culto ao Corpo: O Corpo Miragem**. Revista Sinais, nº. 2, vol. 1, outubro/2007.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhnovistas do narcisismo. In: SANT' ANNA. Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. Trad.: Mariluce Moura. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.

_____. et al. História do corpo III: As mutações do olhar. O século XX. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FONSECA. **Axilas e outras histórias Indecorosas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FOUCAULT. **Microfísica do poder**. 1. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FRUGOLI, Rosa. **Academia de Ginástica: Contemporaneidade, Expressões Corporais e Sentido**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A Questão Social do Novo Milênio. Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 07-40.

NEVES, Kíssila; POLONI, Juliana; BÉRTOLI, Naiana. **A alimentação como construtora (ou destruidora) do corpo ideal: uma análise do santuário do corpo**. Artigo acadêmico apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2008.

SIBILA. Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Revista **Famecos**, Porto Alegre, n. 25, p. 68-84, dez. 2000.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Paraná e mestrado em Letras também pela Unioeste com bolsa da Capes e Fundação Araucária. Atualmente, é professora da rede estadual de ensino.